

“Arte é um jeito de estar no mundo”: utilização da arte por docentes universitários

“Art is a way of being in the world”: use of art by university professors

Silvia Maria Cintra da Silva (UFU)

Giovanna Malavolta Pizzo (UFU)

Fabiano Prata Stacciarini Jr. (UFU)

Camila Turati Pessoa (UFU)

Resumo: O artigo relata uma pesquisa que objetivou conhecer e analisar a utilização e a fruição da Arte por docentes de uma Universidade pública de Minas Gerais. A construção de dados foi realizada por meio de questionário online que englobou questões como definição de Arte; interesse e apreciação de linguagens artísticas; função da Arte na Universidade e uso desta em atividades acadêmicas. Tivemos 38 docentes respondentes, majoritariamente das Ciências Humanas, com unanimidade sobre interesse por Arte. Temos a maioria entendendo-a como uma forma de expressão dos sentimentos e da subjetividade humana e utilizando-a em atividades na sala de aula. De maneira geral, mesmo com o reconhecimento da importância da Arte, ainda é necessário reiterar seu uso na Universidade almejando uma formação ampliada de futuros profissionais.

Palavras-chave: Arte; Docência; Ensino Superior; Psicologia.

Abstract: *The article reports research that aimed to know and analyze the use and enjoyment of Art by professors from a public University in Minas Gerais. The construction of data was carried out through an online questionnaire that encompassed issues such as the definition of Art; interest and appreciation of artistic languages; the role of Art at the University and its use in academic activities. We had 38 respondents, mostly from the Humanities, with unanimous interest in Art. We have the majority understanding it as a way of expressing human feelings and subjectivity and using it in activities in the classroom. In general, even with the recognition of the importance of Art, it is still necessary to reiterate its use at the University, aiming at an expanded formation of future professionals.*

Keywords: *Art; Teaching; University education; Psychology.*

No presente trabalho nos amparamos nas concepções de constituição do sujeito e de compreensão da realidade a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Esta teoria, elaborada pelos pensadores russos L. Vigotski, A. Leontiev e A. Luria, entende a formação humana com destaque ao pertencimento ao mundo concreto de que se participa, o que implica considerar que os aspectos biológicos do ser humano são superados pela cultura e relações sociais. Leontiev (1978) entende que “cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana.” (p. 267). Com isso, a apropriação da realidade de forma mediada oferece contornos muito ímpares à singularidade de cada um e a formação de consciência é perpassada, necessariamente, pelo âmbito social.

Ao nascermos, carregamos conosco funções básicas que nos permitem acessar a realidade, com mecanismos fisiológicos apoiados em respostas sensoriais e de proteção ao perigo. Porém, essa base não nos basta, pois é preciso humanizarmos pelo e com o outro para sobrevivermos e tornarmos-nos humanos. Assim, as formas como pensamos, organizamos a fala, prestamos atenção em algo e assim por diante, são constituídas socialmente e denominadas de Funções Psíquicas Superiores, quais sejam: atenção, memória, linguagem, percepção e abstração, entre outras. Tais funções não são herdadas, mas socialmente aprendidas e fundantes do psiquismo humano. Nesse caminho, a cultura é carro-chefe da formação do sujeito, pois apropriar-se do que já foi elaborado pela humanidade permite seguir adiante com o gênero humano, em singularidades dialeticamente cunhadas entre plano social e individual.

O processo de desenvolvimento, nessa perspectiva, está relacionado com a aprendizagem e, para Vigotski (1934/2001), “a aprendizagem está sempre adiante do desenvolvimento” (p. 322), o que implica considerar que os caminhos possíveis para o sujeito não estão engessados e pré-definidos, mas sim construídos a partir das apropriações da realidade que guiam e ampliam a formação humana. Vemos assim a Educação como processo imprescindível à humanização, pois é preciso que o conhecimento a ser ministrado seja intencionalmente preparado e organizado para que seja apropriado. No caso do Ensino Superior, destacamos que não apenas os conteúdos técnicos sejam priorizados, mas se trabalhe visando a formação de sujeitos em desenvolvimento para além de profissionais especializados em busca de uma recompensa salarial – desafio esse posto em uma sociedade no modo capitalista de produção.

Assim, destacamos o papel da Arte como importante mediadora para uma formação humana que considere a apropriação da realidade e das objetivações historicamente produzidas por meio de sentimentos, da sensibilidade e de uma integração entre afeto e cognição. Com isso, apresentamos um recorte de pesquisa realizada com docentes do Ensino Superior sobre o uso da Arte em sua atividade

de ensino e discutiremos a partir da teoria supracitada sobre possibilidades e contribuições ao modo como esta pode e deve ser aliada à docência.

A Arte e a/na Universidade

A entrada na Universidade é um momento que marca uma nova etapa da vida, uma ruptura com o Ensino Médio na qual outras exigências são apresentadas às/aos ingressantes, tanto no âmbito acadêmico quanto pessoal. Por isto, muito além do conteúdo acadêmico e técnico que o professor universitário ensina ao estudante, é fundamental que também se preocupe com a formação integral do futuro profissional, independentemente da sua área de atuação, pois segundo Bronowski (1983), o cientista – e o artista, acrescentamos – também precisa desenvolver sua imaginação, pois sem esta capacidade pode incorrer na banalidade. É a imaginação do cientista, presente em suas obras, que lhe possibilita ir além de suas próprias experiências e produzir conhecimento, contrariamente a somente reproduzir (Silva; Machado; Goya, 2007). Neste sentido, para Vigotski (2009), vale destacar que a capacidade de imaginação não é um processo psicológico natural ou inato, mas constitui-se nas condições concretas de vida de cada sujeito e é vital à sobrevivência humana.

Ainda para Vigotski (1999, p. 308) “a arte é uma espécie de sentimento social prolongado ou uma técnica de sentimentos”; ela acrescenta à vida social os aspectos mais pessoais do sujeito, de tal modo que “seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem por isso deixar de continuar social” (p. 315).

Cabe à Universidade, então, oferecer oportunidades para que os processos de criação e imaginação dos futuros profissionais sejam incentivados tanto nas tarefas cotidianas quanto nas extracurriculares. Se, na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, “o desenvolvimento é compreendido como o movimento de apropriação de formas culturais mais elaboradas de atividade” (Silva, 2005, p. 30), o acesso às produções culturais é imprescindível. Além disto, como a natureza da atividade mental fundamenta-se no uso de signos, o contato com a obra de Arte dialeticamente afeta os processos mentais envolvidos na fruição, provocando uma expansão nas Funções Psicológicas Superiores, especificamente constituídas socialmente - como já anunciado. Assim, o contato com as obras de Arte oferta inúmeras possibilidades de desenvolvimento destas funções e, neste sentido, sua presença no âmbito educacional, então, mostra-se absolutamente necessária.

Com a entrada na Universidade geralmente os estudantes passam a dedicar-se quase que exclusivamente aos textos e atividades acadêmicas, deixando em segundo plano as atividades culturais - imprescindíveis para uma formação plena. Compete a essa instituição, então, oferecer oportunidades para que os

processos de criação e imaginação dos futuros profissionais sejam incentivados tanto nas tarefas cotidianas quanto nas extracurriculares.

Considerando o papel da Instituição de Ensino Superior (IES) voltado para o desenvolvimento humano e a formação psíquica dos discentes, lembramos a importância de se discutir a garantia de que todos tenham acesso ao conhecimento. Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, os processos de escolarização são determinantes para a constituição do psiquismo, pois permitem caminhos cada vez mais ampliados de compreensão da realidade e de formação de consciência. Ademais, como mediador da aprendizagem, o docente deve utilizar intencionalmente recursos didáticos em suas aulas com vias à formação humana de maneira ampliada. Uma questão que instigou a presente pesquisa é: será que ele usa a Arte em seu dia a dia?

Para além do ensino técnico-especializado, a universidade também contribui com conhecimentos advindos de todas as áreas do conhecimento que a constituem, em especial a Arte, para o processo de humanização dos sujeitos que adentram seus portões. No campo da Educação e da Psicologia Escolar, estudos e pesquisas atuais realçam cada vez mais o papel do professor como decisivo para o êxito do processo educativo (Asbahr; Souza, 2014; Longarezi; Franco, 2013; Pessoa; Silva, 2015).

Quando o docente proporciona aos estudantes a vivência de experiências artísticas, permite expandir o desenvolvimento da percepção e compreensão de mundo dos discentes, dialogando com a realidade e relacionando essas novas experiências com as já vividas anteriormente, aprimorando os sentidos constituídos acerca da sociedade no intuito de transformá-la. Para tal fim, o professor deve fazer uso de práticas pedagógicas que promovam e incitem o potencial de aprendizagem de cada discente.

A partir das concepções citadas, nos propusemos a estudar a utilização e fruição da Arte por docentes de uma Universidade Federal mineira por meio de uma pesquisa sobre a presença da Arte em seu processo de formação pessoal e acadêmica e, ainda, em seu dia-a-dia como docente, por meio de intervenções e propostas em sala de aula. Outrossim, esta pesquisa se mostra como um trabalho que, ao conhecer e analisar a presença (ou ausência) da Arte no cotidiano dos diferentes cursos da instituição, pode contribuir para se pensar formas de realização de uma formação mais emancipatória e crítica de futuros profissionais atuantes em sociedade.

O caminho metodológico

Os participantes do estudo foram professores atuantes nos 73 cursos de graduação da Universidade em questão, distribuídos nos cinco *campi* localizados em três municípios de Minas Gerais. A construção de dados foi realizada por meio da aplicação de questionário *online*, via *Google Forms*, enviado por *e-mail*

aos professores desta. Participaram somente aqueles que concordaram com a pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O questionário contemplou questões dissertativas e objetivas como a) dados pessoais: gênero, idade, curso e b) práticas culturais: definição de Arte, interesse por Arte, preferência por determinada(s) linguagem(ns) artística(s) (cinema, artes visuais, música, dança, teatro e literatura; programas de TV, leitura de jornais e revistas (impressos ou online), leitura de livros, ida ao cinema, gosto por música, ida a teatro, shows/concertos e exposições de Arte/museus; contato com Arte antes de ingressar na universidade, com quem teve o contato; quais eventos culturais frequenta na Universidade; se a instituição incentiva a Arte; função da arte na universidade; se usa a Arte em suas atividades acadêmicas e de que modo; se considera que os alunos, de forma geral, compreendem a arte como importante para a formação profissional e pessoal e se gostaria de acrescentar alguma informação.

As respostas aos questionários foram analisadas, inicialmente, a partir da utilização do próprio programa *Google Forms*, que realiza uma análise quantitativa preliminar com a geração de gráficos. Posteriormente, os gráficos foram analisados qualitativamente, bem como as respostas às questões dissertativas, por meio da análise de conteúdo (Bardin, 1977).

Conversando sobre as respostas: a arte no cotidiano pessoal e profissional de professores universitários

Dos 1.870 docentes da IES, apenas 38 (0,49%) responderam. Podemos nos perguntar se isso ocorreu devido a um desinteresse por pesquisas de modo geral e/ou pelo tema desta pesquisa. Também é preciso considerar que a carga horária, as tarefas acadêmicas e fatores pessoais podem ter interferido na disponibilidade para verificar o *email* enviado e a conseguinte participação. Os participantes da pesquisa responderam a questões objetivas para identificação. Tivemos 55,3% do público de mulheres e 44,7% homens. A média de idade entre os participantes está em torno de 45 anos.

O questionário foi respondido por docentes dos cursos de Agronomia, Artes, Ciências Biológicas, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Biomédica, Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações, Filosofia, Fisioterapia, História, Jornalismo, Matemática, Música, Nutrição, Odontologia, Química e Teatro. Entretanto, predominaram as respostas por professores do curso de Psicologia (24,4%) e Pedagogia (12,2%).

Quando foram indagados sobre o que é Arte, obtivemos respostas que assim como o próprio conceito de Arte, foram as mais diversas possíveis. Algumas delas foram: *“Para além da estética: expressão e desenvolvimento da atividade psíquica; reapresentação criativa da realidade; compartilhamento dialético de mundo; uso singular e social da razão (combinados dinamicamente); e aprendizagem humana*

cognitiva e afetiva. “é expressão”; “É uma forma de refletir sobre o mundo, de forma criativa”; “Arte é manifestação de vida! Entendo a Arte como articulação, mobilização e expressão de mundo e afetos que circulam no imaginário (cultural) e na psique” e “A arte ou, talvez melhor dizendo, as artes, são formas de expressão da criação humana, são manifestações do humano em leituras que podem ser feitas do mundo, é um jeito de estar no mundo, de perceber a vida, é um jeito de constituir-se.”¹

Desse modo, grande parte das respostas traz a Arte como uma forma de expressão, seja dos sentimentos, da subjetividade humana ou mesmo daquilo que compõe o meio cultural no qual estamos inseridos como seres sociais. Cada docente possui suas concepções sobre Arte; algumas mais elaboradas em função da própria área da docência (Teatro, Música etc.) ou de uma apreciação pessoal que envolve algum estudo mais aprofundado. Também há respostas mais relacionadas ao senso comum.

Ademais, quando se pergunta sobre o interesse por Arte, todos os 38 respondentes afirmam que sim. Para entendermos melhor como tal interesse poderia ter se estabelecido, percebemos que antes de ingressarem na Universidade, ao menos 63,1% dos participantes relataram que tiveram um contato razoável e 36,9% tiveram pouco contato ou quase nenhum com Arte. Grande parte dos docentes respondeu que esse contato se deu por meio de família, amigos e professores, correspondendo a 42,1%, 42,1% e 28,9% respectivamente. Tais respostas reiteram o papel da mediação do outro nesse processo de aproximação com as diferentes linguagens artísticas.

Entretanto, vale ressaltar que existem outros aspectos que contribuem para que esse contato ocorra ou não. É preciso também levar em consideração o local em que a pessoa reside, isto é, um grande centro urbano como Belo Horizonte ou São Paulo, por exemplo, possui muito mais ofertas acessíveis de Arte do que uma cidade que fica no interior de um estado, como aquela em que se localiza a instituição aqui pesquisada.

Por fim, um aspecto importante ainda sobre essa presença da Arte no cotidiano, as linguagens artísticas que os participantes preferem são cinema e música, com 84,2% (32 participantes) seguidos de literatura, com 68,4% (26 participantes); nesta questão eles puderam assinalar mais de uma opção. Um aspecto importante é que os participantes preferem aquelas linguagens artísticas em que não necessariamente é preciso que se saia de casa para acessá-las. Desse modo, é possível inferir que o fato de poder ouvir música, ver filmes em casa ou até mesmo ler livros é um fator que as pessoas levam em consideração na hora de escolher as atividades artísticas a que se dedicam.

Seguindo o questionário, os participantes foram questionados sobre as

1 Parte deste excerto foi utilizada para nomear o presente artigo.

práticas culturais, começando sobre conteúdos e programas que preferem assistir na televisão, em casa; a maioria respondeu que assiste mais a séries (21 participantes), seguido de telejornais (11 participantes). Quanto ao costume de ler jornal impresso ou *online*, 22 participantes responderam que leem diariamente e apenas três nunca possuem essa prática, justificando com *“Leio jornais diariamente - no passado lia os jornais impressos, hoje os leio no formato digital. Leio porque isso se tornou parte da própria vida.”* ou *“Não leio muito, porque acho que não oferece potência de vida, é muito depressivo. Às vezes leio colunas específicas”*.

Referente à literatura, 63,2% dos participantes realizam leituras diariamente, 18,4% o fazem semanalmente, 13,2% leem mensalmente e o restante dos pesquisados nunca lê ou possui *“surtos de leitura”*, acessando de tempo em tempo um grande volume de informações. Algumas das justificativas de destaque para os resultados apresentados anteriormente são: *“não gosto de ler, não tenho tempo, como uma pessoa que viaja de avião ou ônibus...”*; *“Livros acadêmicos eu leio todos os dias. Literatura bem, mas infantil, para acompanhar educação de filho; “Como professora preciso estar em contato com literatura constantemente”*.

Os principais estilos literários apreciados pelos participantes da pesquisa estão listados a seguir juntamente com a porcentagem, sendo ficção com 34,2%, poesia com 57,9%, romance com 63,1%, quadrinhos com 23,7%, aventura com 10,5%, livros acadêmicos com 65,7% e, por fim, biografias com 15,7%. A maioria dos professores lê livros acadêmicos, o que é esperado por se tratar de uma profissão de ensino que se fundamenta justamente em literatura científica. Isso é coerente com a docência, mas acreditamos que a literatura seja importante não somente para a profissão, mas para a formação pessoal, ligada diretamente à necessidade de se desenvolver a imaginação e a capacidade criadora (Vigotski, 2009), inclusive ampliando a gama de assuntos literários consumidos. No que se refere à capacidade criadora, inclusive podemos pensar a partir da Psicologia Histórico-Cultural que, quanto maior o acesso às produções historicamente produzidas, mais chances de se atuar e transformar a realidade. Considerando que a Arte possibilita conhecer e realizar novas combinações com os materiais apropriados, é preciso expandir a leitura, pelo docente, para além de sua área de conhecimento – ainda mais porque esta não se encontra isolada na vida em sociedade. Quanto mais a zona de conhecimentos efetivos for enriquecida ao professor, melhores chances de promover essa ampliação ao referencial junto aos alunos. Porém estamos diante do desafio: Como instigar e trabalhar junto às funções psicológicas dos estudantes se o próprio docente apresenta fragilidades neste aspecto?

Quando os participantes são perguntados sobre a frequência com que vão ao cinema, temos que levar em consideração algumas questões, como a quantidade de filmes lançados/ofertados por período, o fato de poder-se ver o filme em

casa simplesmente baixando-o pelo computador ou alugando por algum serviço de *streaming* e o interesse por filmes que usualmente não são oferecidos nos cinemas das cidades em que eles residem.

Em relação à frequência ao cinema, 57,8% (22 participantes) raramente vão ao cinema, pois levam em consideração o tempo, filhos ou até mesmo se existe algo que chama a atenção deles o bastante para saírem de casa. 7,9% (três participantes) vão semanalmente e 34,2% (13 participantes) vão ao cinema mensalmente. Alguns chegam até a tecer comentários como *“Por um lado, nem sempre a programação é convidativa e, por outro, e talvez, em função disso, não se torna algo habitualmente rotineiro”* e *“Gosto mais de ver filmes em casa. Iria mais aos cinemas se passassem filmes melhores”*, ilustrando os aspectos levantados anteriormente. Cabe considerar, ainda, que com a automatização e aceleração do desenvolvimento da tecnologia, o oferecimento da linguagem cinematográfica expandiu-se exponencialmente nas últimas décadas por vias difusas, sendo possível assistir a filmes por televisores, aparelhos celulares, computadores e *notebooks*, dentre outros aparelhos. Ademais, o custo de ir ao cinema e acessar apenas o que é exibido no local em que se vive pode ocasionar a escolha de consumir filmes de qualidade em ambiente caseiro, pois em muitas cidades, filmes estadunidenses de cunho comercial são privilegiados em detrimento, por exemplo, de produções de maior qualidade artística oriundas de outros países e do Brasil. Com isso, esse é um ponto que merece atenção para esta e futuras pesquisas nesse quesito, pois o desenvolvimento da tecnologia incide, inclusive, em alterações na vida concreta e, conseqüentemente, na constituição do psiquismo dos sujeitos.

Quanto à música, 100% dos participantes disseram gostar. 84,2% têm preferência pelo estilo musical MPB, 63,2% pelo rock e 57,9% por samba. No que se refere ao tipo de show/concerto a que costumam assistir, destacam-se os concertos de música erudita (47,7%), muitas vezes oferecidos no teatro Municipal do município. A frequência dos shows é majoritariamente esporádica (71,1%). *“Respondi esporadicamente porque aqui não temos muitas oportunidades. Mas sempre que tem procuro ir assistir”*; *“Prefiro ouvir música em casa. Prefiro investir na compra de um CD a investir na entrada de um show.”* Com isso, aqui também reiteramos a discussão sobre a possibilidade de acesso à música de qualidade por vias tecnológicas, o que pode permitir conhecer produções clássicas e contemporâneas com apenas “um clique”. Porém, sabemos que a experiência de assistir a um show ou a um concerto é insubstituível e permite outras formas de apreciação e encontro com a música, além da partilha dessa experiência coletiva. Assim, mesmo se ampliando a oferta de eventos na seara da música, isso não significa dizer que os docentes ampliarão seu repertório musical, pois é algo que implica em outros determinantes para além do acesso, mas do papel da Arte e da constituição da fruição para além do socialmente comercializado e

monetizado pela indústria cultural, sobretudo quando pensamos que os docentes que responderam à pesquisa também participam de áreas e nichos que podem contribuir com o gosto musical ou valorização de determinados estilos.

Quando indagados sobre teatro, 92,1% dos participantes disseram que gostam, e 7,9% que não. Desses, 76,3% dizem ir esporadicamente, 10,5% mensalmente e 7,9% nunca vão. As respostas predominantes para os estilos teatrais assistidos consistem em 57,9% dos participantes para drama, 76,3% para comédia e *stand-up* e 36,8% para performance. Esses dados refletem diretamente a falta de oferta de peças teatrais na cidade, o que pode gerar um certo desinteresse pela falta de conhecimento e, também, pelo valor dos ingressos. Ademais, cabe ressaltar que muitas vezes estamos diante de um cenário que, quando produções teatrais chegam à cidade, podem ser muitas vezes voltadas apenas a angariar grandes bilheterias.

Algumas justificativas chamam a atenção, pois muitos dizem não ter tempo ou dinheiro suficiente. *“Aprecio teatro, por isso não pude dizer que não gosto, por ser essa resposta muito extrema. Eu assisto a peças cujo enredo e os atores me chamam a atenção, por isso, esporadicamente. Teatro é uma rica expressão e experiência artística, respeitável em muitos sentidos estéticos e de produção de sentido, mas confesso que não é a atividade artística de meu maior interesse.”*

Sobre as artes visuais, 94,7% (36 participantes) responderam gostar desta linguagem, enquanto apenas dois disseram não a apreciar. Desse modo, quando perguntados sobre a frequência com que visitam exposições desse tipo, a maioria respondeu que apenas esporadicamente, com apenas dois participantes respondendo que nunca ou raramente vão. Assim, é de se imaginar que isso ocorra devido à oferta ou também ao escasso tempo disponível no dia a dia para fazê-lo. Desse modo, os participantes responderam justificando-se com *“Aqui, a maior parte das exposições é de arte contemporânea, com artistas locais. Às vezes vou a uma ou outra exposição, mas não é o gênero que mais me agrada. Iria com maior frequência a museus de arte caso houvesse museus ou exposições de maior interesse para mim por aqui. Em outros lugares que já morei, cheguei a frequentar museus semanalmente.”* e *“Poucas exposições e tempo também disponível.”* Quanto ao tipo de exposição que costuma ver, a maioria respondeu *“Exposições locais em museus”, “Exposições locais em galerias e/ou outros espaços não institucionais e “grandes exposições (ex: Bienais)”*.

Aqui percebemos a necessidade de se pensar a formação inicial e continuada docente de forma ampliada e para além da própria área de atuação de cada professor, pois a valorização e o acesso a produções visuais, por exemplo, não é algo natural, mas sim aprendido e mediado. Procurar ou conhecer trabalhos artísticos mesmo quando não são oferecidos na cidade é colocar foco na discussão sobre ampliação de repertório que não se deixa engessar apenas ao que é oferecido comercialmente. Realizando um paralelo no acesso ao

conhecimento, a perspectiva que utilizamos para discutir esta pesquisa defende que o conhecimento permite ir além da realidade concreta, daquela delimitada ao sujeito e possibilita ao desenvolvimento humano alçar caminhos infinitamente possíveis, pela via do acesso e mediação ao que foi historicamente produzido (Vigotski, 1999).

No que diz respeito à dança, 33 participantes dizem gostar; entretanto, a maioria (27) relata ir esporadicamente a espetáculos de dança, enquanto oito deles nunca vão. Isso pode ser analisado considerando-se a incipiente oferta desse tipo de espetáculo na cidade ou até mesmo pelo fato de aqueles oferecidos serem mais locais, ou seja, pertencentes a escolas de dança que atendem ao bairro ou à região. Assim, os participantes costumam frequentar, na maior parte dos casos, espetáculos de dança contemporânea em espetáculos locais, seguidos de balé clássico. Quanto à música, algumas respostas são: *“Infelizmente não é algo que tenha feito parte da minha educação, por isso, percebo que não priorizo esse tipo de expressão artística.”*, *“Quando fico sabendo de algo interessante, eu vou. Mas não chega a ser uma vez por mês. Minha esposa faz dança e às vezes vou com ela a apresentações.”*, confirmando o que foi apresentado anteriormente.

Ao abordarmos a utilização de Arte em sala de aula: *“Você usa a arte em suas atividades acadêmicas? De que modo?”*, 30 docentes afirmam usá-la em seu cotidiano pedagógico, o que pode ser verificado em excertos como *“Uso, especialmente, literatura e as artes visuais para promover a reflexão sobre diversos temas do programa dos componentes curriculares que estão sob a minha responsabilidade. Arte permite pensar para além dos limites do convencional. O mundo criado na literatura, por exemplo, traz exemplos de situações que vão além do que é comum. Permitem pensar sobre a realidade a partir de situações complexas. Há, também, os elementos simbólicos que permitem ampliar as discussões sobre diversos temas”*; *“Sim. Levo músicas, filmes, poesias, crônicas, artes visuais para ampliar as discussões propostas”*; *“Nas minhas disciplinas utilizo filmes, textos de literatura, poesia, artes plásticas, como forma de ilustrar certos conteúdos e também de mobilizar os/as alunos/as a produzirem reflexões mais ampliadas sobre a sociedade em que vivemos”*; *“Uso bastante filmes, documentários e músicas. Sempre que tenho espaço nas aulas falo sobre a importância das artes na formação acadêmica. **Incentivo os alunos a participar de eventos culturais, cinema, música, teatro e literatura** etc.”* (grifos nossos).

Vemos que há um grande leque de possibilidades para a inserção da Arte em sala de aula por meio de filmes, contos, poemas, músicas e *fanzines*, dentre outras tantas opções entre as diferentes linguagens artísticas. Lembremo-nos do imprescindível papel do professor ao organizar suas ações pedagógicas de modo sistemático e intencional com o intuito de provocar o desenvolvimento do pensamento, da imaginação e outras funções psicológicas superiores (Facci, 2004). Além disto, segundo Leite (2018, p. 40-41),

[...] a qualidade da mediação desenvolvida é o principal determinante dessa relação que se estabelecerá entre o sujeito e o objeto, envolvendo, simultaneamente, as dimensões cognitiva e afetiva. Portanto, focando a sala de aula através deste referencial teórico², pode-se inferir que o tipo de relação que vai se estabelecer entre o aluno e os diversos conteúdos abordados é, também, de natureza afetiva, podendo, ser marcada por uma relação positiva ou negativa, dependendo da qualidade da mediação realizada. Os dados acumulados das pesquisas desenvolvidas pelos membros do Grupo do Afeto sugerem que uma história de mediação marcadamente positiva produz, a curto prazo, um movimento de aproximação entre o aluno e o objeto, de natureza afetiva; o contrário também vale: uma história de relação afetiva negativa produz um movimento de afastamento entre o sujeito e o objeto” (grifos do autor).

Nessa perspectiva, além da utilização da Arte propriamente dita em sala de aula, em atividades externas como passeios e visitas a museus etc., o entusiasmo com que o professor medeia essa relação dos estudantes com a Arte é extremamente importante e pode fazer toda a diferença. Realizando um paralelo sobre a Arte como possibilidade diferenciada de mediação de conteúdo em sala de aula, em pesquisa anterior realizada no Ensino Básico (PESSOA, 2014), docentes que participaram de um curso de extensão que teve a Arte como fio condutor relataram não ter familiaridade em utilizá-la em seu cotidiano em sala de aula, mesmo verbalizando sobre a importância desta e de reconhecer inúmeras possibilidades de seu uso. Ademais, cabe ressaltar que, como projeto de sociedade capitalista, não necessariamente temos almejada à classe trabalhadora em geral o acesso a formas mais elaboradas de conhecimento humano. Com isso, pesquisas como essa e a aqui apresentada só reiteram a cisão da constituição do psiquismo advinda de um modo de produção que explora e aliena a condição humana. De fato, é um desafio organizar o ensino de maneira a considerar e incidir sobre a singularidade do sujeito como um todo, não apenas como aluno de determinada disciplina.

Da mesma forma, entre aqueles que afirmam não usar a Arte no cotidiano pedagógico, encontramos justificativas como: “*Não. Meus alunos apenas podem ser criativos na construção de interfaces para software. Alguns deles são, a maioria não*”; “*não tenho como, sou da área de exatas, mas já pedi que alunos fizessem modelos atômicos, com massa, jujuba ou biscuit*.” Aqui vemos uma concepção inatista sobre os processos de imaginação, na contramão dos pressupostos teóricos que defendemos neste artigo. Outro ponto a ser ressaltado é a relação feita pelo docente entre uso da Arte em sala de aula e a elaboração de objetos “*com massa, jujuba ou biscuit*” pelos alunos, que indica uma concepção de uma atividade artesanal como equivalente à Arte.

² Lev Vigotski e Henri Wallon.

Conforme apresentado anteriormente, a capacidade de imaginação não está dada *a priori*, mas é processo psicológico que se constitui nas circunstâncias concretas de vida de cada sujeito (Vigotski, 2009), ou seja, é necessário que sejam criadas condições necessárias para que os estudantes possam desenvolver-se nesse sentido. E estes só poderão desenvolver-se se puderem contar com professores que criem oportunidades efetivas para os seus processos de aprendizagem e desenvolvimento. Concordamos com Barroco e Tuleski (2007), a partir da mesma teoria, de que o homem necessita de processos criativos para sobreviver e conforme a humanidade vai se desenvolvendo, mais complexa fica a tarefa de atender às necessidades especificamente humanas e, neste sentido, a criação é vital à continuidade da espécie. Dessa forma, em seu papel de organizar os conhecimentos e intencionalmente trabalhá-los junto a seus alunos, o docente também atua na constituição das novas gerações – tanto no aspecto profissional quanto pessoal de cada um. Com isso, é imprescindível a Arte como aliada na elaboração de atividades de ensino, amparando e convidando a diferentes formas de acessar o conhecimento, as formas de se perceber e interpretar a realidade, a lidar com sentimentos e emoções: é mediante essa constituição ampliada, além dos conhecimentos técnicos, que também alcançaremos outras formas de estar e transformar a sociedade.

Considerações finais

A pesquisa aqui relatada teve como objetivo conhecer e analisar a utilização e a fruição da Arte por docentes de uma Universidade pública mineira. Verificamos que a maioria dos docentes que participaram do estudo utiliza a Arte em seu cotidiano pedagógico, mas isso certamente não representa a instituição como um todo, pois apenas 38, isto é, 0,49% responderam e majoritariamente das Ciências Humanas.

Foi possível constatar que a Arte está ligada diretamente à formação dos docentes e presente em alguns aspectos de sua vida pessoal. A frequência a espetáculos, filmes etc. está fortemente relacionada à frágil oferta de espetáculos, exposições e filmes na cidade – muitos participantes declararam frequentar exposições, mostras, shows etc. quando estão em municípios maiores. Além disso, a Universidade poderia oferecer programas culturais mais dinâmicos e distribuídos de modo mais equilibrado entre os *campi*, não somente em um *campus*, algo destacado por alguns respondentes.

Pode-se perceber que a forma como se vivencia e privilegia – ou não – determinados conhecimentos incide no modo de elaborar seu trabalho. Deste modo, o campo artístico também é afetado. A maioria dos participantes da pesquisa opta por atividades em que necessitam de menores esforços (no sentido financeiro – algo importante a ser considerado – e no sentido do deslocamento até o local da atividade), como filmes, músicas e leituras em casa. Notável, também, é a atribuição da tímida fruição artística à falta de tempo,

como mostrado em comentários realizados pelos professores na pesquisa. Nesse sentido, é importante considerar as condições concretas de trabalho docente, que muitas vezes não permitem que professores possam dedicar-se às atividades artísticas como gostariam – e precisariam. Ainda, muitas atividades são pautadas em necessidades laborais, como leituras de livros acadêmicos e atividades exclusivamente acadêmicas, em um sentido bastante pragmático.

Pelas respostas dos questionários, compreende-se que os cursos que utilizam e se fundamentam mais em elementos artísticos e que estão voltados às Humanidades, de forma geral, foram os mais atingidos pela pesquisa, demonstrando um maior interesse nesse assunto e compreensão sobre a importância da Arte para o desenvolvimento social e humano. Também é importante considerar as limitações do instrumento utilizado – o questionário – que apesar de apresentar espaços para questões dissertativas e complementações por parte dos respondentes, não consegue abarcar a riqueza de respostas que poderiam ter sido obtidas por meio de entrevistas, por exemplo. Fica assim, uma sugestão para novos estudos com essa temática.

Partimos do pressuposto de que a Arte é absolutamente fundamental no processo de desenvolvimento humano, pois para que as formas culturais de comportamento sejam internalizadas é necessária a reorganização da atividade psicológica, baseando-se na operação com signos. Como linguagem essencialmente simbólica, as contribuições inestimáveis da Arte para esse processo precisam ser conhecidas e valorizadas também no cotidiano do Ensino Superior. Além de diversas possibilidades em sala de aula, podem ser planejadas visitas a museus, centros culturais, galerias etc.; convites a artistas para que apresentem seus trabalhos e processos criativos; organização de eventos artísticos envolvendo docentes e estudantes da IES; mostras de longas e curtas metragens; apresentações de dança, entre muitas outras possibilidades. A parceria da instituição com artistas e espaços culturais do município em que se situa também pode gerar importantes oportunidades de espetáculos e exposições com entrada franca, em que tanto a comunidade acadêmica como a população em geral podem beneficiar-se.

Assim, postulamos que as IESs possibilitem ao corpo docente condições para uma formação continuada que se baseie em concepções emancipatórias, que tragam a Arte como parceira imprescindível para uma educação que integre elementos técnicos e culturais. Pensar a Arte no cotidiano da atividade docente não é apenas racionalizar e realizar conhecimentos técnicos sobre esta, mas entendê-la como uma forma de expressão que revela determinantes históricos, culturais, políticos e sociais. Com isso, a pesquisa aqui relatada reitera que necessitamos superar a cisão entre áreas de conhecimento, pensando na formação e contribuição do Ensino Superior ao desenvolvimento humano de forma contínua, integrada e compromissada socialmente.

Concordamos que a Arte, na definição de um dos professores, “é um jeito de estar no mundo, de perceber a vida, é um jeito de constituir-se” e fica aqui o convite para que docentes e instituições de ensino escolham de que forma querem contribuir para a formação de seus estudantes.

Referências

ASBAHR, Flávia Silva Ferreira; SOUZA, Marilene Proença Rebello. “Por que aprender isso, professora?” Sentido pessoal e atividade de estudo na psicologia histórico-cultural. **Estudos de Psicologia** (UFRN), 19 (3), pp.157-238, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70/Livraria Martins Fontes: 1977.

BARROCO, Sônia Mari Shima; TULESKI, Silvana Calvo. Vigotski: o homem cultural e seus processos criativos. **Revista Psic. da Educação**, 24, pp. 15-33, 2007.

BRONOWSKI, Jacob. **Arte e conhecimento** – Ver, imaginar, criar. (Tradução Artur Lopes Cardoso). São Paulo: Martins Fontes, 1983.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Um estudo crítico comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva. Bases teóricas do grupo do afeto. In S. A. S. Leite (Org.), **Afetividade: as marcas do professor inesquecível** (pp. 27-50). Campinas, SP: Mercado de Letra, 2018.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. (1978). **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário. 1978 (Obra original publicada em 1975).

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Actividad, Conciencia, Personalidad**. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1983. (Obra original publicada em 1975).

LONGAREZI, Andréa Maturano; FRANCO, Patrícia Lopes Jorge. (2013). Educação escolar enquanto unidade significado social/sentido pessoal. **Nuances: estudos sobre Educação**, 24 (1), pp. 92-109. Disponível <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2157/0>

PESSOA, Camila Turati; SILVA, Silvia Maria Cintra da. Arte e formação continuada de professores: cenas de uma proposta. **Revista de Educação PUC-**

Campinas, 20 (3), pp. 229-239, 2015. Disponível: <https://www.redalyc.org/pdf/5720/572061458004.pdf>

PESSOA, Camila Turati. **Psicologia Educacional e Escolar**: Inspirando ideias para a Formação Continuada de Educadores por meio da Arte. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG, 2014.

SILVA, Silvia Maria Cintra da, MACHADO, Paulo Estevão Rodrigues, GOYA, Ana Carolina Adbala. **Reflexões sobre o (não) lugar da Arte na Universidade**. II Colóquio de Psicologia da Arte. São Paulo: IPUSP, 2007.

SILVA, Silvia Maria Cintra. **Psicologia escolar e arte** – uma proposta para a formação e atuação profissional. Campinas, SP: Alínea, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. (Trad. P. Bezerra). São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Obra original publicada em 1934).

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância**. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semienovich. **Psicologia da Arte**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Silvia Maria Cintra da Silva

É graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1990), mestre (1993) e doutora (2002) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da USP (2007) e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC - SP (2020). Professora Titular da Universidade Federal de Uberlândia, ministra aulas na graduação e no mestrado do Instituto de Psicologia e supervisiona estágio na área de Psicologia Escolar.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0834-5671>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4380499178712456>

Giovanna Malavolta Pizzo

Mestre em Psicologia e Família pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM - Psicóloga (CRP 04/63511) pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU . Pós-graduada em Fundamentos da Psicanálise: Teoria e Clínica - Instituto ESPE Brasil.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9882-6200>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1014390515158816>

Fabiano Prata Stacciarini Jr.

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1406-4569>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2931720023405792>

Camila Turati Pessoa

Professora Adjunta na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) na Faculdade de Educação - Curso de Pedagogia e Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED). Anteriormente Professora Adjunta na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Departamento de Psicologia - Psicologia e Educação. Pós-doutorado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá - UEM/PR. Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR) na linha de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Processos Educativos - Bolsista CAPES por 2 anos, com estágio de Doutorado Sanduíche com bolsa CAPES na Universidad Pablo de Olavide (UPO), Espanha.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0803-2472>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6058547795201124>